

Tarifa de energia contratada deve subir e mercado livre cair

Mauricio Godoi
São Paulo

O mercado cativo e o mercado livre vivem situações opostas quanto às perspectivas para 2009, o primeiro deverá ter um aumento no preço das tarifas cobradas pelas distribuidoras, fato que o próprio presidente da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman, admitiu nesta semana durante o balanço de seu mandato que se encerra em janeiro. Por sua vez, a desaceleração da economia em função da crise financeira e que deve refletir uma parte em novembro e dezembro, mas com mais força no primeiro trimestre de 2009, leva o mercado para a redução de preço nos contratos para o mercado livre. Para efeitos de comparação, o valor da energia já registrou ofertas que atingiram R\$ 195 MW/h e que agora estão em R\$ 130 MW/h.

Para o mercado cativo, o aumento de preço é o reflexo do custo adicional de R\$ 1,6 bilhão gerado pelo despacho adicional das termoeletricas em função do que especialistas do setor chamaram de ano atípico, se referindo ao nível de chuvas de 2008. Outro fato que impactará no valor das tarifas é o aumento autorizado para a energia da hidroelétrica de Itaipu em 8,7%, motivado pela variação cambial do dólar, moeda que indexa a produção da usina binacional. Segundo Kelman, esse dois fatores irão pressionar o valor em cinco pontos percentuais as tarifas das distribuidoras que são abastecidas por Itaipu.

Esse adicional das termoeletricas que é dividido na conta dos consumidores cativos e livres já foi cobrado deste segundo grupo, por isso a tarifa tende a ser reduzida para quem busca energia elétrica fora do mercado regulado. Segundo Marcelo Parodi, presidente da Comerc Comercializadora, a expectativa do mercado de menor valor da tarifa é motivada pela queda no valor do barril de petróleo, que tem impacto direto no preço dos derivados que movimentam as térmicas - gás e óleo combustível - e a retração da demanda industrial, iniciada pelas férias coletivas em setores como automotivo e autopeças.

A redução de demanda é uma tendência que foi notada pela Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace). Segundo Lúcio Reis, diretor executivo da entidade, há estudos que falam em uma redução de 1 GW em 2009, mas "são inícios de estudos, esse volume poderá ser maior ou menor, ainda não dá para saber", comentou o executivo. "Antes, precisamos saber qual será o tamanho da crise", concluiu.

Essa é a questão principal para Cyro Boccuzzi, diretor executivo da Andrade & Canellas. Segundo ele, não é possível saber o tamanho da redução da demanda e quanto tempo terá de duração. Em princípio, o sistema está menos pressionado em função de paradas de empresas eletrointensivas. "Férias coletivas e redução de produção têm um impacto imediato e isso aparecerá nos indicadores no mercado livre", afirmou.

Menos térmicas

O consenso no mercado de energia é de que 2009 será provavelmente marcado pelo menor uso de termoelétricas e quando isso acontecer a prioridade será pelo uso das centrais abastecidas a gás, que poluem menos e têm um custo menor que as movidas a óleo. Segundo o diretor-geral do Operador Nacional do Sistema (ONS), Hermes Chipp, o Brasil a expectativa de se usar este tipo de complementação no ano que vem é menor do que esse ano, mesmo com as metas para níveis de reservatórios.

Na opinião do economista e coordenador do Grupo de Estudos do Setor de Energia Elétrica (Gesel) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Nivalde de Castro, essa previsão realmente poderá se concretizar. "São Pedro está ao nosso lado por enquanto, se as chuvas se mantiverem dentro da média histórica e não ocorrer a terceira pior seca em um período de 77 anos, não teremos problemas", afirmou. Segundo pesquisa do Gesel estima que 2009 o uso das térmicas será menor, em função da redução da demanda de setores como o de mineração e de automóveis. Com isso, o setor elétrico está seguro contra um apagão em 2009.

Parodi também acredita que essa será a tendência de 2009 após um ano anormal como foi o de 2008, porém, o discurso que adota é de cautela. "O cenário muda de acordo com as informações meteorológicas", explica ele. "Certeza ninguém tem, por isso temos a ONS trabalhando como uma espécie de Banco Central para o setor elétrico. Quando verifica a possibilidade de ultrapassar a meta, no caso, de nível dos reservatórios, aciona as térmicas, que seria como o aumento dos juros da taxa Selic", comparou.

Para Boccuzzi o uso de térmicas será menor, mas não acredita em queda do preço da energia. "O ESS é, sem dúvida, o grande fator que interfere no custo da tarifa, mas que há muita coisa para influenciar, como os tributos e a transmissão, que é cara. A longo prazo, o sinal aqui é o mesmo do resto do mundo, de alta", alerta .

GODOI, M. Tarifa de energia contratada deve subir e mercado livre cair.
DCI, Indústria, Energia, Elétrica, A10, 12/12/2008.